



**Instituto Superior de Ciências da Educação**  
**ISCED - HUÍLA**  
**ENSINO DA FILOSOFIA**

**O CONCEITO DE SER NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE PLACID TEMPELS E SEU CONTRIBUTO PARA A MASSIFICAÇÃO DO PROGRAMA DE ENSINO DA FILOSOFIA NO II CICLO: Um Estudo de Caso no Magistério Secundário “Dr. Abel Pedro”, Município de Caluquembe.**

**Autor: António Carvalho Muteka Chihópio**

**Lubango**

**2022**



**Instituto Superior de Ciências da Educação Da Huila**  
**ISCED - HUÍLA**  
**ENSINO DA FILOSOFIA**

**O CONCEITO DO SER NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE PLACID TEMPELS E SEU CONTRIBUTO PARA A MASSIFICAÇÃO DO PROGRAMA DE ENSINO DA FILOSOFIA NO II CICLO: Um Estudo de Caso no Magistério Secundári o “Dr. Abel Pedro”, Município de Caluquembe.**

Trabalho Apresentado para a  
Obtenção do Grau de Licenciatura  
no Ensino da Filosofia

**Autor:** António Carvalho Muteka Chihópio

**Orientador:** Dr. Manuel Bartolomeu

**LUBANGO**

2022

## **Dedicatória**

À todos os amigos da sabedoria que fazem da Filosofia um instrumento da busca de soluções dos problemas que põem em causa a imagem de uma nação...

## **Agradecimentos**

Com toda honra lograda, reservo-me no direito de, primeiramente agradecer à Deus o dono dos tempos, da vida, o juiz que decide a vitória ou derrota dos homens em actos com fins apontados.

Aos meus pais António Chihópio em memória e Domingas Teleia que permitiram-me acessar os primeiros anos de escolaridade;

À minha esposa Juliana Ndjava, pontual companheira de todo o meu percurso académico e não só e aos meus filhos por terem aceitado a minha condição de esposo e pai-estudante.

Aos meus professores do 1º e 2º Ciclos do ensino secundário por saberem interceder com sucesso a minha formação;

Aos meus professores do ISCED-Huíla, do 1º ao 4º Ano, com particular realce à figura do Dr. Manuel Bartolomeu que, após uma excelente orientação ao longo do percurso académico nas cadeiras de Filosofia da Linguagem, Filosofia Moderna e Cultura e Filosofia Africana fiquei mobilizado para que o meu trabalho de fim de curso fosse no âmbito da Cultura e Filosofia Africana. A honra ele se dá igualmente por ter aceite mais uma vez a minha solicitação de orientador neste trabalho que ora se apresenta e que de forma indelével fica como minha marca na história da ciência.

Aos meus colegas José Brinco Jamba Samuel, Ernesto Calupeteca Camati, Paulo Jorge e Abel Quintas Tchitata pelo apoio científico-metodológico prestado e a todos que moral e materialmente durante todo percurso académico conseguiram apoiar-me directa ou indirectamente.

À todos, de olhos emocionados, estendo, do fundo do meu coração a minha eterna gratidão, pois sou uma flor que hoje brota à luz do vosso calor.

**Ndapandula Mwele!**

## **Lista de Siglas e Abreviações**

**a. C** – antes de Cristo

**Cfr.** – Conforme, confira

**Ed.** – Edição

**Ibidem.**– Na mesma obra

**ISCED**– INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO;

**P.** – Página

**Pp.** – Páginas

**Vol.** – Volume



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUILA**  
**ISCED – HUÍLA**

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA**

Tenho consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou a retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu **António Carvalho Muteka Chihópio**, estudante finalista do Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla (ISCED-Huíla) do curso de ENSINO DA FILOSOFIA, do Departamento de Ciências Sociais, declaro, por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 09 de Maio de 2022

O autor

---

//Antonio Carvalho Muteca Chiopio//



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUÍLA

ISCED–HUÍLA

A Exma.

Vice Presidente Geral Adjunto para

Área Científica do ISCED–HUÍLA

### DECLARAÇÃO DE ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Eu, Manuel Bartolomeu, Docente efectivo com Estudos avançados enquadrado na secção de Filosofia, declaro ter orientado o trabalho de Licenciatura do estudante: **António Carvalho Muteka Chihópio**, Município de Caluquembe, cujo título é: **O CONCEITO DO SER NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE PLACID TEMPELS E SEU CONTRIBUTO PARA A MASSIFICAÇÃO DO PROGRAMA DE ENSINO DA FILOSOFIA NO II CICLO: Um Estudo de Caso no Magistério Secundário “Dr. Abel Pedro”, Município de Caluquembe.**

O trabalho teve início em Maio de 2021 e terminou em Maio de 2022, totalizando 12 meses.

Declaro ter cumprido as normas e regulamentos da Instituição. Assim, o trabalho cumpre requisitos científicos de elevada qualidade, nas vertentes académicas, metodológica, ética e formal.

Lubango, 09 de Maio de 2022

O Orientador

---

Dr. Manuel Bartolomeu

## Resumo

O presente trabalho subordinado ao tema “O Conceito do Ser na Perspectiva Filosófica de Placid Tempels” ergue-se de uma profunda reflexão sobre a Cultura e Filosofia Africana, emergindo como um contributo axiológico da questão que tem que ver com a identidade do povo africano, e apresenta o seguinte problema científico: Que contributo o conceito do ser na perspectiva Filosófica de Placid Tempels tem para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo? Para fazer face ao problema levantado, traçou-se o seguinte objectivo geral: Descrever o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo. Do objectivo geral derivaram as seguintes perguntas científicas: quais são os referentes teóricos e metodológicos que sustentam o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo? Qual é o diagnóstico do estado actual do conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo? Quais os resultados que se obtidos com a elaboração de um quadro teórico sobre o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo? Para contrapor as perguntas científicas, foram elaboradas as seguintes tarefas de investigação: Identificar os referentes teóricos e metodológicos que sustentaram o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo; Decantar o estado actual sobre o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo; Elaborar um quadro teórico sobre o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo. Para a prossecução das perguntas e das tarefas científicas foram utilizados os seguintes métodos: De nível teórico: histórico-crítico, comparativo, descritivo, fenomenológico, indutivo, dedutivo, análise-Síntese, bibliográfico; de nível empírico: observação científica. De nível Estatístico: Estatístico-descritiva. Com base neste quadro metodológico. Do ponto de vista teórico elaborou-se um quadro que descreve o conceito do Ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels. Palavras-chave: Ser, Perspectiva, Ensino, Filosofia.



## **Abstract**

The present work on the theme “The Concept of Being in the Philosophical Perspective of Placid Tempels” arises from a deep reflection on African Culture and Philosophy, emerging as an axiological contribution to the question that has to do with the identity of the African people, and presents the following scientific problem: What contribution does the concept of being in the Philosophical perspective of Placid Tempels have for the massification of the Philosophy Teaching program in the II Cycle? To address the problem raised, the following general objective was outlined: To describe the concept of being in the philosophical perspective of Placid Tempels and its contribution to the massification of the Philosophy Teaching program in the II Cycle. The following scientific questions were derived from the general objective: what are the theoretical and methodological references that support the concept of being in the philosophical perspective of Placid Tempels and its contribution to the massification of the Philosophy Teaching program in the II Cycle? What is the diagnosis of the current state of the concept of being in the philosophical perspective of Placid Tempels and its contribution to the massification of the Philosophy Teaching program in the II Cycle? What are the results obtained with the elaboration of a theoretical framework on the concept of being in the philosophical perspective of Placid Tempels and its contribution to the massification of the Philosophy Teaching program in the II Cycle? To counter the scientific questions, the following research tasks were developed: Identify the theoretical and methodological references that supported the concept of being in the philosophical perspective of Placid Tempels and its contribution to the massification of the Philosophy Teaching program in the II Cycle; To decant the current state of the concept of being in the philosophical perspective of Placid Tempels and its contribution to the massification of the Philosophy Teaching program in the II Cycle; To elaborate a theoretical framework on the concept of being in the philosophical perspective of Placid Tempels and its contribution to the massification of the Philosophy Teaching program in the II Cycle. For the pursuit of the questions and scientific tasks, the following methods were used: Theoretical: historical-critical, comparative, descriptive, phenomenological, inductive, deductive, analysis-Synthesis, bibliographic; empirical level: scientific observation.

**Keywords:** Being, Perspective, Teaching, Philosophy.



## Índice

Páginas:

DEDICATÓRIA .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
AGRADECIMENTOS.....	ii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	iii
DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA .....	iv
DECLARAÇÃO DE ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE LICENCIATURA .....	v
RESUMO .....	vi
ABSTRACT .....	vii
ÍNDICE .....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS TEÓRICOS QUE SUSTENTARAM O CONCEITO DO «SER» AO LONGO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA.....	10
1.1. Aspectos Preambulares .....	11
1.2. Teorias sobre o conceito do «Ser» na Antiguidade Clássica .....	11
1.2.1. Parménides (V a. C).....	11
1.2.2. Platão (427-347 a. C).....	14
1.2.3. Aristóteles (384-322 a. C) .....	15
1.3. Teorias sobre o Conceito do «Ser» na Época Medieval.....	16
1.3.1. Tomás de Aquino (1225-1274).....	16
1.4. Teorias sobre o conceito do «Ser» na Época Moderna.....	19
1.4.1. Baruch Spinoza (1624-1677).....	19
1.4.2. Wilhelm Leibniz (1646-1716).....	19
1.5. Teorias sobre o conceito do «Ser» na Época Contemporânea .....	20
1.5.1. Nietzsche (1844-1900) .....	20
1.5.2. Martin Heidegger (1889-1969) .....	20
1.5.3. Jean-Paul Sartre (1905) .....	21
1.5.4. Gabriel Marcel (1887-1973).....	22
CAPÍTULO II: DIAGNÓSTICO DO ESTADO ACTUAL DO CONCEITO DO SER NA PERSPECTIVA DE PLACID TEMPELS.....	24
2.1. Placid Tempels: Vida e Obra .....	25
2.1.1. O Ser em Tempels (1961).....	25
2.2. Lugar e papel de Tempels na Filosofia Africana. <b>Erro! Marcador não definido.</b>	
2.3. Abordagem genérica do conceito do Ser .....	29

2.4.	Descrição e análise do Programa de Ensino da Filosofia do II Ciclo.....	32
2.4.1.	Pontos Fortes.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
2.4.2.	Pontos Fracos.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
2.5.	Linhas sugestivas para a massificação do Programa de Ensino da Filosofia à luz do conceito do Ser segundo Tempels .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
CAPÍTULO III:ABORDAGEM SISTÉMICA DO CONFRONTO ENTRE O ESTADO ACTUAL E O IDEAL DO CONCEITO DO SER.....		34
Capítulo III: Abordagem sistémica do confronto entre o Estado actual e o Ideal do Conceito do Ser.....		35
3.1.	O problema do conhecimento sobre o Ser .....	36
3.2.	O Caminho para a remoção das Diferenças entre o Africano e o Ocidental ...	37
3.3.	Reconhecimento à “Corrente Progressista” .....	41
3.4.	Um olhar crítico ao Pensamento de Tempels.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....		<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Conclusões.....		43
Sugestões .....		44
BIBLIOGRAFIA GERAL .....		45

## **INTRODUÇÃO**

## Introdução

O trabalho que ora se apresenta e subordinado ao tema «o conceito de Ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels» é de interesse público e universal. Dum lado visa resgatar e reavivar a Metafísica e ontologia africana; e do outro, procura quebrar um mito proferido por Hegel, segundo o qual “o africano encontra-se fora da história universal”. Tal atitude, tem um carácter pejorativo e discriminativo, ou seja, esta conjuntura mitológica contra a raça negra, não significa verdadeiramente que o africano está ou esteja fora da história, mas significa que uma raça (a branca) procura retirar da história a outra raça (a negra) por força da sua hegemonia e superioridade. E aceitar isso é uma questão de legitimar comportamentos de exclusão. O não aceitar, obriga que o africano esgrima os seus argumentos de razão para se defender desta fúria devastadora que o quer banir enquanto ser da acção que participa do mesmo ser, pois, se todo ente possui um ser que lhe dá sentido de existir de facto, este ser acabando sendo universal para todos os entes, e ao nível da Filosofia africana, o filósofo Tempels lançou as sementes sobre este desiderato que é preciso partilhar e inculca-lo nas diversas camadas da sociedade africana.

O homem é naturalmente um ser dinâmico que possui uma força interna que lhe pode ajudar na transformação da natureza para o seu bem-estar. Esta força, na perspectiva de Placid Tempels, é que determina o vir-a-ser de cada ser. E o africano enquanto ente, participa do ser perfeito. Ou seja, se o ser é tudo o que faz existir um ente, todo homem, seja ele branco ou negro, existe através de um ser unívoco que lhe dá o sentido de ser o que é. Ou como disse Sócrates, se “todos os homens têm as mesmas responsabilidades por partilharem a mesma razão” (Gaarder1995, p.158), a questão sobre o ser introduz um princípio de universalidade das essências que asseguram os entes. Outrossim, a rotina ou movimento de cada coisa, depende do Ser, esta força íntima que dá razão de existência às coisas.

Ora, numa visão histórica, a Filosofia enquanto concepção do mundo, tem uma história multimilenária, pois, ela surge exactamente nos séculos VII e VI a. C, numa pequena cidade chamada Mileto, na região da Jónia, isto é, na Grécia Antiga. De lembrar que vários assuntos abordados hoje pelas ciências particulares, no passado eram abordados de forma geral e unificada, pela Filosofia. Não foi por acaso que Aristóteles a definiu como estudo sobre as causas últimas de todas as coisas, ou

seja, ciência que estuda tudo o que compõe o universo. Ora, nisto enxerga-se uma das complexas tarefas e funções que a Filosofia desempenhou no passado, e não só, na reflexão dos vários problemas do imanente e do transcendente, trazendo-os aos círculos de debates que reacenderam o fogo para dar bases as actuais ciências estudadas. Ainda no âmbito desta complexidade do papel desempenhado pela filosofia na busca de soluções de problemas que inquietavam o homem, Aristóteles surge-se como uma figura de destaque no estudo sobre o ser e sua natureza, chegando a ponto de consagrar o conjunto dos conhecimentos da transcendência por *Metafísica* ou *Filosofia Primeira* como ele mesmo preferia chamar.

Ora, se tudo era sim abordado pela Filosofia tal como narra a história da Filosofia, com o passar do tempo, várias as ciências foram se autonomizando da mesma, na medida em que passaram a ter os critérios necessários para se considerar uma ciência como ciência: objecto de estudo, objectivos, métodos, tarefas, princípios e interesse para a sociedade. Dos mais diversificados assuntos outrora abordados pela Filosofia, o SER, foi um deles, chegando mais tarde a fazer derivar um ramo filosófico responsável pelo assunto, que é na verdade a Ontologia.

Muito recentemente, já na contemporaneidade, debates acesos foram registados sobre a existência ou inexistência da Filosofia Africana. Foi no contexto destas discussões que Placid Tempels advogou o conceito do ser para o africano, como sendo fundamento da sua Filosofia. Uma vez constatada a problemática da discussão em torno da Filosofia Africana, aliada à pertinência da abordagem levada a cabo pelo já referenciado pensador, conjugadas com a limitação programática do Ensino da Filosofia constatada no Magistério Secundário Dr. Abel Pedro, achou-se oportuno derivar este tema, visando a descrição e apresentação modesta de uma abordagem em torno do mesmo.

### **Situação Problemática**

A situação problemática é a que resulta do hiato entre a situação real actual e a situação ideal desejada.

### **Caracterização da Situação real actual**

No quadro das abordagens sobre o ser, Tempels com a sua obra "*A Filosofia Bantu*", revolucionou a Filosofia Africana, porém, este facto é pouco conhecido entre os me-

andros académicos, principalmente do Ensino Médio, sendo este o resultado da falta de abordagens específicas sobre o tema e da ausência do mesmo nas unidades temáticas dos programas de ensino da Filosofia do II Ciclo.

### **Caracterização da Situação ideal desejada**

Em virtude do quadro real descrito urge a necessidade de descrever e apresentar o conceito do ser na perspectiva de Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino de Filosofia no II Ciclo, de modo a ser mais conhecido entre os meandros académicos e não só, e enriquecer o acervo bibliográfico já existente sobre a Filosofia Africana, acima de tudo, no tocante aos aspectos sobre o ser.

### **Justificação da Investigação**

Existem, evidentemente, inúmeros registos sobre o tema em destaque, pois os referentes teóricos assim o justificam, porém, assumiu-se com determinação o interesse pela abordagem do mesmo (tema) porque os resultados da investigação a ser levada a cabo, além de constituírem-se em mais um acervo bibliográfico, também é o fundamento para derivar sugestões em relação aos programas de Ensino da Filosofia no II Ciclo.

### **Formulação do Problema Científico**

Nos dizeres de (Alvarez, cit. Ramos & Naranjo, 2014, p. 72), “o problema científico é o porquê da investigação. É a situação própria dum objecto que provoca uma necessidade num sujeito, o qual desenvolve uma actividade para transformar a situação mencionada e resolver o problema”. Assim, à luz da temática em destaque formulou-se como problema científico o seguinte: Que contributo o conceito do ser na perspectiva filosófica de Tempels pode dar para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo?

### **Delimitação da Investigação**

Segundo (Marconi e Lakatos 2008, p. 15) “delimitar a investigação é estabelecer limites para a mesma”. Assim, nos termos da presente abordagem, a investigação está focada em torno do conceito do ser na perspectiva de Tempels e sua inclusão no programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo.



## **Determinação dos Objectivos da Investigação**

No campo investigativo, todo trabalho a ser empreendido tende a atingir um fim, pois, este corresponde ao alvo a ser alcançado. É na verdade, a razão de ser do projecto da investigação. A este assunto, (Marconi e Lakatos 2008, p. 10), afirmam que “toda pesquisa deve ter um objectivo determinado, a fim de saber o que se vai procurar e o que se deseja alcançar”. Para a abordagem da temática em causa formulou-se o seguinte objectivo geral:

### **Objectivo Geral**

- Descrever o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo

### **Perguntas Científicas**

Visando atingir o objectivo geral, foram elaboradas as seguintes perguntas científicas:

- Quais são os referentes teóricos e metodológicos que sustentaram o conceito do ser na perspectiva de Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo?
- Qual é o diagnóstico do estado actual sobre o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo?
- Quais os resultados que se obtiveram com a elaboração de um quadro teórico sobre o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo?

### **Tarefas de Investigação**

Para contrapor as perguntas científicas, foram elaboradas as seguintes tarefas de investigação científica:

- Identificar os referentes teóricos e metodológicos que sustentam o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo.

- Descrever o estado actual sobre o conceito do ser na perspectiva de Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo.
- Elaborar um quadro teórico sobre o conceito do ser na perspectiva de Tempels e seu contributo para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo.

### **Objecto da Investigação**

Sobre o objecto de estudo ou de investigação (Ramos e Naranjo 2014, p. 80), afirmam que, é a parte da natureza, da sociedade ou do pensamento, isto é, a parte da realidade objectiva em que se localiza o problema científico e, portanto, recebe a acção do sujeito, processo no qual o investigador se liga ao problema de investigação.

Nos termos da presente investigação o objecto de investigação será o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels.

### **Campo de Acção**

Campo de acção é para Ramos e Naranjo (2014, p. 80), “a parte do objecto que se abstrai como sistema de influências do sujeito cognoscente”. Tendo em conta o tema em destaque tem-se como campo de acção o programa de ensino da Filosofia no II Ciclo, no Magistério Dr. Abel Pedro, Município de Caluquembe.

### **Definição de Conceitos-chave**

Segundo Lau (2005), conceitos são representações mentais dos objectos. Ao mesmo assunto Marconi e Lakatos (2008, p. 14), afirmam que “o objecto principal da definição dos conceitos consiste em torná-los claros, compreensivos, objectivos e adequados. Assim, é importante definir todos os termos que possam dar margem a interpretações erróneas”. Ora, à luz do tema, definir-se-ão os seguintes conceitos-chave: Ser, Perspectiva, Ensino, Filosofia.

- a) Ser- Na Filosofia, ser significa a existência de uma coisa. É tudo que existe. Sendo a Ontologia o ramo da mesma responsável pelo seu estudo. Ser é um conceito que engloba características objectivas e subjectivas da realidade e da existência. (Willians, 2000);

b) Perspectiva - É ponto de vista, visão sobre determinado assunto. Ensino. Transmissão de conhecimentos, competências e princípios relacionados com comportamentos e atitudes correspondentes aos usos socialmente tidos como correctos. (A.A.V.V, 2014, p. 610). O ensino é segundo (Marques 2000),

**“O processo pelo qual o professor transmite ao aluno o legado cultural em qualquer ramo do saber. O ensino anda associado à transmissão do saber já constituído. As pedagogias construtivistas consideram que o acto de ensinar deve subordinar-se à aprendizagem e esta ao desenvolvimento”, (Marques 2000, p. 42)**

c) Filosofia - Proveniente de dois conceitos gregos *Philos* (amigo, amor) + *Sophia* (sabedoria), etimologicamente significa *amigo da sabedoria* ou *amor pela sabedoria*. Para Aristóteles, a Filosofia é a ciência que estuda as causas últimas das coisas.

### **Definição da Opção Metodológica**

Metodologia, é um conceito derivado de “método”, do latim “*methodus*”, cujo significado é: “caminho ou via para a realização de algo”. A Metodologia é neste caso, o campo em que se estuda os melhores métodos praticados em determinada área para a produção do conhecimento. Sendo o método, o processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento. Para esta investigação realizada, usaram-se os métodos de nível teórico, empírico e estatístico.

### **Métodos de nível teórico**

Análise e Síntese - Consistem na decomposição e composição de um todo complexo nas suas diversas partes analisadas. O uso deste método ajudou na fundamentação do conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels.

Histórico-lógico - Estudam a trajectória real dos fenómenos e acontecimentos no percurso de sua história e, investigam as leis gerais do funcionamento e desenvolvimento dos fenómenos respectivamente. Foi usado para ordenar-se histórica e logicamente os dados e resultados da investigação.

Bibliográfico - Também designado de fontes secundárias, “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc. (Marconi & Lakatos, 2008, p. 57). Pela sua pertinência foi impossível não utilizá-lo.

## **Métodos de nível empírico**

Observação científica - A observação científica consiste na percepção directa do objecto de investigação. Na abordagem de (Ramos & Naranjo 2014, pp. 136-137), “é o instrumento universal do cientista. Tem como traço característico estudar o fenómeno ou processo em investigação directamente, nas condições naturais de aparecimento, na forma em que ocorre na vida real”. Assim, foi usado, porque a investigação é fruto da constatação real do problema.

Inquérito por Entrevista - Segundo (Ramos & Naranjo 2014, p. 141), é uma técnica de compilação de informação mediante uma conversa profissional com que, além disso, se adquire informação acerca do que se investiga. E do ponto de vista educativo, é muito importante, sobretudo para colecta de dados.

Inquérito por Questionário - Segundo (Silva & Menezes 2005, p.33), “o questionário diz respeito a uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante”. Este também foi útil na colecta de dados.

## **Métodos de nível estatístico**

Estatística descritiva - É um ramo da estatística que aplica várias técnicas para descrever e sumariar um conjunto de dados. Este método foi usado para recolher os dados com o objectivo de descrever as características da população e estabelecer relações entre eles.

### **Determinação da População e Amostra**

A população é, segundo (Silva & Menezes 2005, p.32), “a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo, enquanto a amostra é uma parte representativa da população, seleccionada de acordo com uma regra”. Assim, para o trabalho em causa, a população englobou 70 estudantes da 13ª classe do Magistério Secundário Dr. Abel Pedro.

Quanto à amostra, optou-se pela amostragem probabilística aleatória simples, que na visão de (Marconi & Lakatos 2008, p. 30), designa aquela em que “cada um tem o privilégio de ser eleito, independentemente da posição”. Para tal, à luz do material

de apoio à Cadeira de Estatística Aplicada, fornecida pelo professor (Bento Augusto Cahamba 2013, p.18)<sup>1</sup>, subordinou-se à seguinte fórmula estatística:

$$n = \frac{P(1-P)}{(EP)^2} = \frac{0,99(1-0,99)}{(0,01)^2} = \frac{0,99*1}{0,0001} = 99; \text{ onde:}$$

n – Nível de confiança do alcance dos objectivos.

P – Probabilidade, equivalente a 0,99

EP – Erro Padrão, equivalente a 0,01. Logo, tem-se:

$$n = \frac{n}{1+\frac{n}{N}} = n * \frac{N}{N+n}. \text{ Onde } n= 99 \text{ (Constante) e } N = \text{População}$$

Substituindo a fórmula pelos dados tem-se:

$$99 \times \frac{70}{70+99} = \frac{6.930}{169} = 41,00 \cong 41 \text{ sujeitos da amostra, sendo 28 Masculinos e 13 Femininos.}$$

## **Relevância da Investigação**

### **Teórica**

O presente trabalho reveste-se de um significativo valor teórico, na medida em que procurou descrever o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels, constituindo-se numa mais-valia, pois contribuiu para a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo, ademais, consubstanciou-se num modesto acervo bibliográfico que enriquecerá os já existentes.

### **Prática**

Quanto à relevância prática, a massificação do programa de Ensino da Filosofia no II Ciclo, resultante do diagnóstico e descrição sobre o conceito do ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels possibilitou mais conhecimento e maior divulgação sobre o tema, bem como tornar mais conhecida a Filosofia Africana. O trabalho é de natureza qualitativa e descritiva; e encontra-se estruturado por três capítulos importantes, seguindo-se das conclusões, sugestões, bibliografia geral e anexos.

---

<sup>1</sup> ISCED-HUILA, 2013. *Material de Apoio à Cadeira de Estatística Aplicada*.

**CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS TEÓRICOS QUE SUSTENTARAM O  
CONCEITO DO «SER» AO LONGO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA**

## **1.1. Aspectos Preambulares**

Durante o percurso da história da Filosofia várias questões foram levantadas e discutidas, mas a falta de consensos, algo que é característico à Filosofia, levou a que divergência na abordagem delas surgisse, deixando o campo das ciências mais aberto às novas abordagens. De entre elas, destaca-se o conceito do «Ser» que suscitou tanto interesse da parte de investigadores e filósofos, tendo deixado legados válidos que serviram de fundamentos para o problema levantado nesta investigação que não é pioneira no âmbito filosófico - científico.

Para uma boa ilustração das divergências havidas no modo como cada filósofo encarava o conceito do «Ser» à luz do estudo a que cada um se dedicou, traz-se aqui ideias hierarquizadas de acordo às diferentes etapas da história Filosofia, começando pela antiguidade clássica, passando pela época Média e Moderna até à Contemporânea, considerando-as como grandes fases que constituem e conservam figuras notabilizadas, focadas e empenhadas na busca de conhecimentos sobre o «Ser» e não só. Assim, nos parágrafos subsequentes apresentam-se essas diferentes abordagens referenciadas ligada são «ser», apegando-se a cada filósofo à luz de cada idade.

## **1.2. Teorias sobre o conceito do «Ser» na Antiguidade Clássica**

Na periodização da história da Filosofia costuma conceber-se por Antiguidade Clássico período equivalente à divisão da História Universal que começa no ano 5.000 a. C. (século V) e termina no século IV d. C. Neste espaço temporal, vários acontecimentos sucederam um após outro nas diferentes esferas da vida, porém, importa realçar aqui aqueles que somente dizem respeito ao ser. Para tal, serão indispensáveis proeminentes como Parménides, Platão e Aristóteles.

### **1.2.1. Parménides (V a. C)**

O nascimento da Filosofia confunde-se com a criação da Ontologia (ciência do ser enquanto ser), pois as abordagens sobre o ser são de longa data, na medida em que, os primeiros registos são encontrados na Idade Antiga e ao que tudo indica, Parménides foi o primeiro a se dedicar às reflexões ontológicas. Grosso modo utiliza-se o conceito ser para fazer referência aos factos criados, como por exemplo os seres humanos e os animais, pois têm vida e existência própria, ou seja são seres em si. Todavia, o conceito ser possui um significado especial no campo filosófico.

Tendo merecido atenção de inúmeros filósofos, tem recebido igualmente uma variedade de abordagens.

A palavra “ser” vem do português antigo *ser*. Algumas formas do verbo “ser” vieram do latim vulgar *essere*, que se origina do latim *esse*, *sum*, enquanto outras formas, inclusive a forma do infinitivo “ser”, vêm do latim *sedere*, *sedeō*, que significa “estar sentado”.

O primeiro filósofo a colocar explicitamente o conceito de ser foi Parménides de Eleia (século VI – V a. C.). Para o eleata, seria impossível falar ou pensar no Não-Ser, pois, este a nada se refere. Segundo este filósofo, o Ser, que existe para além das ilusões do mundo sensível da doxa (opinião), é uno, eterno, imóvel, não-gerado e imutável. “O Ser é e o não-ser não é”. Parménides também parece afirmar em seu poema que “pensamento (nous) e ser são o mesmo”.

Com Platão tenta-se resolver a questão do Não-Ser nos diálogos de Parménides com os Sofistas ao passar a entendê-lo como alteridade (diferença) em relação ao Ser em vez de contrariedade. (Por exemplo, “o belo não é feio”). Segundo o discípulo de Sócrates, quando dizemos o não-ser não deve participar nem da unidade nem da pluralidade e o não-ser é impronunciável, inefável e inexprimível, já dizemos o Não-ser uno, pois dizer o já implica unidade, e contradizemos a ideia de que ele não possa ser pronunciado ou expressado, pois lhe aplicamos o é. Platão então, negando Parménides, defende a comunhão entre Ser e Não-ser. Impondo a introdução do Outro (ou diferença) e do Mesmo chega à acepção predicativa do Ser. Esclarece que podemos designar uma única e mesma coisa por uma pluralidade de nomes porque a acepção identitária ( $A=A$ ) não é a única possível ao Ser, o homem pode então também ser chamado de bom e não apenas de homem (“o homem é bom” e não apenas o homem=homem e “o bom=bom”). Podemos, com a ideia de predicação, tratar as coisas como capazes de participação mútua. Com a ideia de identidade, podemos supor a todas as coisas como incapazes de união mútua. (Dias, 2010).

De acordo (Mondim 1977), Parménides nasceu em Eleia, onde ensinou e de onde veio para a sua escola o nome de eleática. Ele viveu na primeira metade do século V a. C. Presumivelmente teve como mestre Xenófanés, uma grande figura lembrada na história da Filosofia através das suas cerradas críticas “ao antropomorfismo religioso” das quais a história registou exemplos no âmbito da eloquência.



Na perspectiva filosófica Parménides se notabilizou na distinção radical entre o «Ser e o não Ser», tendo ele se destacado de modo exclusivo ao estudo sobre o Ser. Para este “jamais poderá existir força de constrangimento que faça ser aquilo que não é [...] e a respeito desta coisa não há outra decisão possível: um ser ou é ou não é”. A visão de Parménides sobre o ser, parecer encontrar um caminho certo, que para ele, pode ser absoluto, pois ele acha, que a única realidade é o ser, não havendo possibilidade da existência de um não-ser.

Este filósofo exímio da razão encontra justificações que sustentam as suas teses na base do contraditório que faz aos seus antecessores, com destaque a Heráclito, que pensava de um vir-a-ser. Ao contrário deste, (Parménides, cit. Mondim, 1977, p. 34) lança-se com um argumento de que “não é possível nenhuma realidade, nem o vir-a-ser. De facto, ou uma coisa é ou não é. Se é, não pode vir-a-ser, porque já é. Se não é, não pode vir-a-ser, porque do nada não se tira nada”.

No âmbito da Cultura e Filosofia Africana, a teoria de Parménides é aplicável, porque o ser que se deve pensar não é diferente do ser pensado na sua era. Ou seja, se a vida e o homem são uma realidade, nada se deve pensar fora dessas duas realidades. Deste facto, Parménides dá mais uma vez um argumento de que entre o ser e o pensamento não há limites, ou seja, são a mesma coisa. Por isso, ele apela a uma necessidade do pensamento pensar ao ser e somente a este, pois “sem o ser, no qual o pensar se encontra expresso, não há pensamento”. O africano precisa pensar ao ser (o homem e sua vida futura). Este filósofo deixa claro no seu pensamento, e afirma que, em todas as épocas, o objecto do pensamento deve ser o Ser, considerando-o como ponto de partida e de chegada de toda acção do pensar. Perder tempo a pensar naquilo que não existe, é caminhar à margem da realidade daquilo que se deve pensar na realidade. O homem é uma realidade; a vida presente e futura o é igualmente. Sendo assim, curvar-se para a existência das duas realidades comungantes, é garantir a paz do espírito.

Com esta teoria, Parménides transcende o seu pensamento, tornando-se num primeiro filósofo metafísico da história que introduziu no cerne do debate, a problemática sobre o Ser e o princípio da não-contradição considerado como um presuntivo basilar para a legitimidade de qualquer raciocínio no âmbito da evidência e do valor estético do pensamento lógico. Ora, este pensador, se tivesse sido apenas apoiante

dos ideais dos seus antecessores, não teria o direito de constar na história como filósofo da vanguarda na busca de soluções e fundamentos sobre os problemas que nutriram a sua época, dando bases aos pensadores da sua posteridade.

Ora, além do que já foi dito sobre ele no que diz respeito ao ser, é ainda notabilizado no lançamento das bases da diferenciação entre a razão e os sentidos. Ou seja, a questão se podia ou não confiar nos sentidos ou na razão, ele dizia: só isto, mais tarde, dividiu os filósofos da época moderna em duas alas, sendo uma alinhada à razão e outra aos sentidos para se clarificar a origem do conhecimento.

### **1.2.2. Platão (427-347 a. C.)<sup>2</sup>**

Platão é uma das grandes figuras da História da Filosofia que o mundo conheceu com uma mente brilhante que deixou marcas em todas as orlas da vida social e das ciências. Seus pais foram Aristão e Perizona, descendentes da Grécia. O seu encontro com Sócrates determinou o seu percurso como filósofo, tendo deixado várias abordagens ligadas à ética, à política, à psicologia, ao conhecimento, etc., onde hoje se reconhece que tinha sido um gênio incomparável da sua época. As suas teorias sobre “O mundo das Ideias”, a “Alegoria da Caverna”, bem como a sua obra “A República” são tidas como apoteóticas de toda a história da filosofia e quiçá de toda a humanidade. Em tudo, o que mais interessa neste trabalho é o aspecto ontológico por ele abordado, que tem suas raízes no pensamento de Parménides e Heráclito igualmente filósofos de referência na história da Filosofia.

Como se fez referência, a problemática sobre o conhecimento em Platão, carrega grandes exigências ontológicas, mostrando a condução da metafísica pela epistemologia. Nisto, a realidade ficou reduzida em duas formas: uma estática e outra dinâmica. A primeira tem que ver com o mundo das ideias que antecede as coisas; a segunda com o mundo sensível onde a matéria tem a existência objectiva. Platão surge assim como um pensador conciliador das contradições entre Parménides e Heráclito ao reconhecer que o mundo é constituído por dois estratos, um estático e outro dinâmico, dando legitimidade ao conhecimento intelectual e sensitivo. E mostrou

---

<sup>2</sup>Mondin, B. (1982). Curso de Filosofia. S. Paulo - Brasil

que o objecto do conhecimento intelectual é o mundo ideal, ao passo que do mundo sensível é o mundo material ou real. Platão mostrou também que entre ambos os mundos existe uma indisponibilidade comunicacional. Por isso, ele apresenta a natureza do Ser; um, como resumo do que existe, outro como ente que faz as coisas existirem. No primeiro, Platão refere que aí os homens podem aprender as coisas reais (plantas e animais) no segundo pode-se imaginar as ideias éticas relativas ao bem em si e ao belo em si. Para ele, o ser é a realidade suprema que representa o ser em si, ou seja, o ser enquanto matéria é resumida na natureza como grandeza do “Demiurgo ou Ser em si”. Para Platão, o vir-a-ser deve ser pensado em função do ser. É a potência que projecta o vir-a-ser de cada ser, pois, este é fruto da ideia. Os dois mundos encontram-se no homem, sendo o corpo e o espírito. O corpo precisa trabalhar para dar paz ao espírito, cuidando assim da alma.

### **1.2.3. Aristóteles (384-322 a. C)**

Depois de Parménides e Platão, surge Aristóteles, também considerado um dos primeiros filósofos a estudar a Ontologia. Ele acreditava que esse saber é a filosofia primeira, a qual, como um braço da ciência, tem como principal objectivo estudar o ser humano em seu âmago, portanto, sua essência. Considerado pai da metafísica ocidental, Aristóteles, como disse Heidegger, tentou abandonar o ser como elemento do pensar e procurou abordar o ente como ele é, constituindo, neste caso, o objecto da Filosofia primeira. Aristóteles a este respeito afirmara que “aquele que primeiramente concebe o intelecto como o mais evidente, e no qual vêm a resolver todas as demais concepções, é o ente”, (Villa & Dalbosco 2000, p.684). O conceito de ente achava que era o primeiro de todos, porque é o que o entendimento procurava conceber primeiro. Para justificar e clarificar esta sua reflexão, o pensador ainda acrescentava que o “ente é o objecto próprio do intelecto, e deste modo é o primeiro inteligível, tal como o som é a primeira coisa que se houve”. Ibidem.

Como narra (Mondim 1977) a Metafísica aristotélica começa com uma rica e recuperada definição da natureza que inclui os deveres e características do saber puramente filosófico. Nisto, afirmara ele, que “todos os homens têm naturalmente o desejo de conhecer”, mas é preciso ter domínio de que uns conhecem a causa e outros conhecem apenas o efeito. O saber filosófico que deve ser assim consagrado, não pode simplesmente conhecer o efeito, mas também e fundamentalmente as causas

últimas que originaram os efeitos que se observam nos fenómenos. De lembrar que a Metafísica procura estudar essas causas fundamentais, tendo as classificadas em quatro: causa material, causa formal, causa eficiente e final. Aristóteles por causa entende a substância e a essência das quais tem início o movimento e, por isso, e só por isso, consagrou a metafísica como sendo uma ciência divina que se interessa tanto pelo estudo das causas últimas pois dizia ele que “ninguém duvida, com efeito, de que Deus seja a causa e princípio de todas as coisas”, (Mondim 1977, p. 90).

Na segunda definição que Aristóteles apresenta, procurou clarificar o que disse antes, tendo espelhado, que no conjunto de todas as ciências não se vai encontrar uma outra que se ocupa do estudo do ser enquanto ser e das suas propriedades a não ser a metafísica. Pois esta, procura abordar o ser nas suas variadas dimensões, não apenas uma parte, tal como o fazem as outras ciências. “O ser estudado pela metafísica é o imóvel; é o de ordem imaterial ou divino que pode ter também a designação de teologia”<sup>3</sup>. Por ser somente o estudo do ser enquanto ser, independentemente de uma outra ou qualquer diferenciação que o possa reduzir a este ou àquele tipo de ser e das propriedades que pertencem a ele enquanto tal. Ora, por estudar o ser em si mesmo, Aristóteles designou a Metafísica por «Filosofia Primeira» pois dentro desta estão todas as outras filosofias.

### **1.3. Teorias sobre o Conceito do «Ser» na Época Medieval**

#### **1.3.1. Tomás de Aquino (1225-1274)**

Mais do que Aristóteles, na Idade Média cita-se Tomás de Aquino que ao juntar a Filosofia aristotélica com elementos religiosos – no caso, o cristianismo – criou o tomismo. Para este medieval, o homem, em sua essência, era tudo aquilo que Deus permitia que ele fosse. (Tomás de Aquino 1225-1274)<sup>4</sup> apresentou os seus argumentos sobre o ser e o ente, pois como afirmara Heidegger, deu conta que durante as suas abordagens sobre a Metafísica, Aristóteles abandonou o ser, apegando-se ao ente. Por isso, ele procurou caracterizar o ente como sendo o que pode ser, isto é, a essência que pode ser, chegando mesmo a inovar os conteúdos sobre o ser, dando contributo significativo, tanto à Metafísica quanto à Antropologia na época do posicionamento do filósofo Avicena quando debatia questões sobre a problemática

---

<sup>3</sup> Ibidem

<sup>4</sup>Villa, M. M. & Dalbosco, H. (2000). *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*. PAULUS, Brasil.

da existência. Aquino refere que o Ser se explica de modo triplo: Ser da natureza do ente, cuja definição se afigura como oração que pode significar o que é o ser. Para ele, a definição é, neste caso, a natureza ou *equididadeda* coisa. De outro modo, tem-se o ser do mesmo acto da essência que diz respeito ao como viver, que é um estado propício dos entes vivos, significando ato da alma, não ato segundo, que é operação, mas acto primeiro. O terceiro modo diz ser do que significa a verdade de composição das proposições, conforme o que é, se diz cópula, e desta forma está, tanto na inteligência componente e divisória quanto é complemento de si mesmo, funda-se no ser da coisa que é o acto da essência.

Em tudo isso, é importante sublinhar, que Aquino não usa o termo Ser no primeiro significado da essência, muito menos lhe parece correcta a terceira acepção relativa a tripla divisão que fez nos argumentos anteriores pois nela se aplica o ser para significar o que é ou como cópula da sentença. Ora, quando Tomás de Aquino refere-se a este ser da terceira acepção, põe à tona o conceito de existência ou de existir pois a verdade da sentença consiste na adequação do pensado com a realidade. Para Aquino, como disse Honório (2000, p. 686), “Ser significa o acto da essência [...] o Ser é por aquilo que algo é, é aquilo que faz estar na realidade, não é mero estado, e sim sua causa. A existência, com respeito ao ser. É a causa que origina o ente ou existência”.

Ainda de acordo com (Villa&Dalbosco2000) para Tomás de Aquino

“O Ser realiza esta função existencial ou realizadora, que faz com que o ente já constituído esteja presente na realidade, mas além desta função, exerce outra, mais básica, que pode ser chamada *entificadora*, porque converte a essência em ente: o ser é a realidade de toda a forma ou natureza [...] a essência e o ser não se relaciona à semelhança da matéria e da forma, nem substância e dos acidentes, porque os dois constituintes do ente não são diferentes. O ser é o acto do ente, é a capacidade de acção de todos os actos essenciais. É o acto dos actos. O ser é primeira capacidade de acção, que fundamenta e constitui todos os demais actos. Ele é a forma das formas. Sendo acto, o ser é perfeição, porque toda coisa é perfeita enquanto é acto pois imperfeição, ao contrário, enquanto é potência, com privação do acto. Por isso, todas as perfeições pertencem à perfeição do Ser, ou seja, as coisas são perfeitas, enquanto de algum modo, têm um ser. As perfeições do ente têm sua origem no Ser, não na essência por esta ser simplesmente o recipiente do ser”, (Villa, M. M. & Dalbosco, H.2000, pp. 686-687).

Nesta visão percebe-se que, por essência, o ente possui o ser, que é de antemão o seu originador. Por outro lado, pode-se aferir a segunda função da essência, função

esta que serve de sustentação do ser, ou seja, como foi referenciado por Tomás de Aquino, “ a essência é o sujeito ou recipiente do acto de ser pois é através desta que o ente possui o Ser”. Este argumento clarifica bem as diferenças existentes entre os três elementos: ser, essência e ente. Cada ente possui esta dualidade constituída pelo ser e essência. É através desses dois que o ente existe como uma realidade inteligível. Assim, o homem no seu acto de existir precisa encontrar-se como um elemento de força que move o mundo para o seu benefício, caso não, ganha-se a tamanha opacidade, ofuscando todo um brilho do ente. O exercício do Ser leva o homem a afirmar-se como sujeito activo, pois, se o ser pode transcender e compartilhar os dois mundo (terra e céu), ele não pode findar somente naquilo que ele, enquanto pode igualmente ser aquilo que ainda não é. Existir é alargar-se e tornar-se numa coisa a mais em relação ao que já é.

A metafísica de Tomás de Aquino segundo (Mondim 1977, p. 188) funda-se toda ela nas ideias de “perfeição máxima é o ser”, chegando a ponto de afirmar que a originalidade dos seres é o ser por criação. Criação esta que é participação da perfeição do ser aos outros seres. Para o filósofo medieval, o ser nos seres limita a sua perfeição devido a uma potência denominada *essência*. Com este argumento, Aquino anuncia uma excelente ideia que o immortaliza no âmbito da metafísica segundo a qual “nos seres existe uma real distinção entre ser e essência”. Contudo, a perfeição máxima em Aquino é o ser e o acto de ser, não a ideia de ser. O ser acaba por ser um conceito que procura esclarecer bem a origem, a finitude, a semelhança e o vir-a-ser das coisas, pois, as coisas têm origem na sua participação à perfeição do ser. Pela sua perfeição, ao ser nada se pode acrescentar pois “em qualquer efeito o que é mais perfeito é o ser, porque a qualquer natureza ou forma ele adquire uma perfeição pelo facto de ser em acto”, *Ibidem*. As excelentíssimas abordagens de Tomás de Aquino são um caminho para melhor se compreender a natureza do ser deste ou daquele ente pois, afinal de contas, a excelência de uma coisa, como ele próprio se referia, depende do seu ser, porque este é o que mais íntimo que tal coisa tem. O ser é perfeito, é uno, é indivisível; e constitui-se num principal elemento que assegura e garante o sucesso de cada um pois é o dador da imagem que cada coisa possui. Ou seja, os seres participam do Ser como uma cópia. Eles participam por semelhança não por essência.

## **1.4. Teorias sobre o conceito do «Ser» na Época Moderna**

### **1.4.1. Baruch Spinoza (1624-1677)**

Com Spinoza, relaciona-se pela primeira vez Deus com a natureza, de acordo com os registros encontrados. Para este filósofo, Deus e natureza eram a mesma coisa, pois, as duas entidades têm em sua composição elementos infinitos e somente a matéria e o pensamento seriam algo perceptível aos humanos. Kant, filósofo alemão, também estudou muito esse campo, embora tenha deixado mais contributos no campo epistemológico. Muitas cogitações kantianas foram interpretadas e aprofundadas por seus seguidores, dentre eles, Foucault no que ficou conhecido como ontologia crítica – concebida como sendo aquela que busca desvincular o sujeito de qualquer doutrina. Spinoza fala da substância para melhor clarificar o conceito de existência, introduzindo neste caso o método dedutivo, desviando-se do indutivo antes usado por Aristóteles e Tomás de Aquino. Para este, como disse Mondim (2011, p.100) “a *Ethica* abre-se, portanto, com uma demonstração ontológica da existência da substância como uma realidade que existe em si mesma e que é concebida por si mesma, não pode ter uma causa externa, mas deve ser *causasui*, portanto, uma realidade cuja essência implica existência”. É desta forma que Spinoza retrata a ideia de ser, partindo da aplicação do método dedutivo, mostra a sua perícia diante do fenómeno do Ser antes debatidos por Aristóteles e Aquino, ambos por si estudados, alicerçando assim o seu pensamento.

### **1.4.2. Wilhelm Leibniz (1646-1716)**

A Metafísica de Leibniz começa com uma crítica feita à ideia de Descartes sobre a substância material, introduzindo assim a ideia ou doutrina de mônada com a qual abre os seus mais nobres argumentos sobre o ser. Este pensador começou a pôr em dúvida a concepção da matéria debatida por Descartes e afirma que nos seres existentes não se observa apenas a extensão, mas verifica-se também a força da natureza colocada em parte pelo autor supremo. Para ele o agir é o carácter essencial da substância. Leibniz concluiu que o elemento primordial do mundo natural é a força. Tudo possui na sua essência uma força que move as coisas ou que faz as coisas existirem. A extensão e o movimento são considerados por ele como elementos da ordem espiritual. Ou seja, tudo no universo é espírito e vida porque tem sempre uma força.

## **1.5. Teorias sobre o conceito do «Ser» na Época Contemporânea**

### **1.5.1. Nietzsche (1844-1900)**

Com Nietzsche tem-se um dos principais representantes da Ontologia do Devir ou do Tempo, portanto, corrente mais moderna. Vontade de potência, o conceito base de toda Teoria Nietzscheana, nada mais é do que uma proposição ontológica.

### **1.5.2. Martin Heidegger (1889-1969)**

Apesar de se ter já outros filósofos destacados neste trabalho, Heidegger torna-se num filósofo cuja referência e a presença se destaca, tendo em conta a sua maior dedicação ao estudo do ser. Por tudo que este filósofo fez a respeito do ser, tornou-se num principal representante do movimento existencialista pois alcança uma amplitude imensurável se se considerar a profundidade e transcendência por ele alcançado na abordagem sobre o ser. Para este excelente pensador, o estudo filosófico feito sobre o ser durante todo e muito tempo não conseguiu resolver tal problema, apenas deturpou-o a partir do seu começo pois ao invés de se estudar o ser como tal, os filósofos estudaram muito e sempre as situações particulares sobre este. Por isso, a questão sobre o ser ainda permanece virgem, ou seja, está ainda numa situação total esquecimento.

Heidegger, como disse (Mondim 2008, p. 215), ao argumentar sobre a fenomenologia do homem, afirma que “o ser não e jamais se manifesta de modo directo e imediato em si mesmo, mas sempre como sendo um ser deste ou daquele ente”. Assim, para se chegar e determinar a natureza de um ser, é necessário partir do estudo do ser de um determinado ente isolado, concentrando a atenção no ser deste ente que se procurou isolar, retirando-o de tudo aquilo que não lhe disse respeito e torna-lo claro e transparente pois a compreensão do ser é de certa forma e simultaneamente uma autêntica determinação do ser do homem. Para ele, o homem se afigura como “uma porta da entrada do ser para se chegar a ver o ser através do homem, é necessário fazer com que o conhecimento próprio do homem esteja isento de erros” (Mondim 2008, p. 216).

Até aqui Heidegger se destaca como um filósofo mais claro na abordagem sobre o ser ao saber colocar limites entre qualquer ente e o seu ser. Na sua excelentíssima investigação sobre o homem, ele chega a descobrir no homem certos traços essen-



ciais e fundamentais do seu ser, cuja estes Heidegger dá o nome de existenciais. Para ele o primeiro existencial é sim senhor o ser-no-mundo que se encontra envolvido num jogo e conjunto de interesses ou preocupações que caracterizam o homem. A natureza do homem lhe impõe que esteja sempre mergulhado em problemas, por isso, Heidegger chama-o de ser- em- situação. Por causa do ser, composto de forças que transcendem, Heidegger afirma que o homem não é um ser preso às situações em que este se encontra, mas é sempre um elemento activo, disposto e aberto a tornar-se em algo novo pois este tem sempre projectos daquilo que ele pode ser posteriormente. Existir é espalhar-se; é estar sempre fora de si, estando a descobrir aquilo que ainda não existe pois o homem compreende-se através da sua existência que sempre surpreende. Para ele, o ser é aquilo que torna e faz presente o ente, neste sentido, o homem é tido como um guarda do ser pois é este ser que dá a todo ente a garantia do seu ser.

### **1.5.3. Jean-Paul Sartre (1905)**

Jean-Paul Sartre. Este filósofo trouxe o conceito de Ontologia fenomenológica. A sua obra intitulada “O Ser e o nada” é o marco para o crescimento do existencialismo no século XX. Ora, os estudos de Sartre remetem à consciência e à sua definição como algo transcendente. Para este, o homem é fundamentalmente um ser en-gavetado sempre no desejo de ser algo a mais, ou seja, “o ser que se chama de ser-em-si, para distingui-lo da consciência que denomina ser-para-si, é massa inerte, informe, inchada e fastidiosa”, (Mondim 2008, p. 228). Sartre é também apologista da ideia de que o acto de espalhar-se torna o homem num ser dinâmico. Ou seja, a fenomenologia do homem leva Jean-Paul Sartre a afirmar que a realidade sobre o ser, a consciência não consegue esgotar toda a realidade, achando isto um absurdo pois um mundo das ideias e das explicações não é da existência.

Embora pareça estar contra os argumentos esgrimidos por outros pensadores a respeito do ser, Sartre invoca uma Metafísica enquanto ciência do estudo sobre o divino ou transcendente, dando-lhe a responsabilidade de que seja esta no pronunciamento de todos aspectos ligados ao ser, por ser algo que transcende o mundo material.

#### 1.5.4. Gabriel Marcel (1887-1973)

Este pensador dedicou uma parte da sua vida na investigação sobre o ser, adicionando a este outra ideia, o ter. A sua visão a respeito da metafísica, assenta na sua opção de seguir o caminho trilhado por Hegel e outros filósofos da corrente idealista.

Numa primeira fase, Marcel admira-se, espanta-se com a complexidade da natureza do ser, chegando a ponto de afirmar que “não é possível a pesquisa a respeito da natureza do que é metafisicamente a primeira”, Mondim (2008, p.234). Para ele, o ser tende a ser possuído através do pensamento, por isso, a pesquisa sobre o ser e sobre o que ele é, é essencialmente da Metafísica, e esta pode ser facilmente colocada de lado, porque segundo Sartre, “o homem tem fome do ser”. Pela sua complexidade, disse Marcel, “ninguém pode descobrir o mistério do ser por meio de outro”, (Marcel cit. Mondim, 2008, p.235). Mostrando o objectivo da ciência em causa, Marcel aponta que entre as realidades susceptíveis de investigação metafísica, a preocupação número um e fundamental para esta, recai ao ser, por duas razões. A primeira destas, tem que ver com a primazia do ser sobre o pensamento; a segunda, tem que ver com a primazia do ser sobre o ter. Quanto à primeira, Marcel afirma que o pensamento é a legítima modalidade do ser; quanto à segunda, Marcel explica que o ser se revela bivalente, exactamente como *com-ser*, isto é, “o eu existo” que se torna “o universo existe”. O ter pressupõe o existir, ou seja, este corresponde a exteriorização do ser, o seu vir para fora. “A relação ser-ter é relação de tensão dialéctica essencial na qual o ser está sempre ligado ao ter como um elemento purificador sem deixar absolver-se por ele, mas orientando-o para si”, Ibidem, p. 237. Na perspectiva de Marcel, o corpo acaba por ser um Ser encarnado sem poder identificar-se com ele. De outra forma pode explicar-se que a relação existente entre o Ser e o corpo, é a mesma existente entre a alma e o corpo, só o corpo na sua visão corresponde ao resumo do ser.

## Conclusão do Capítulo

O problema do Ser que esta investigação traz à tona não se afigura como novo no âmbito da filosofia, mas é antes de mais uma abordagem que surge numa sucessão de filósofos, começando com Parménides que pela primeira vez, como narra a história da Filosofia, manifestou-se a este respeito para introduzir o primeiro problema metafísico que mais tarde ficou concretizado por Aristóteles com a implementação da teoria resumida na Filosofia Primeira ou Metafísica. O ser, desde então, tornou-se num objecto de estudo da Metafísica e da Ontologia, tendo chegado até aos filósofos da contemporaneidade onde se inclui Placid Tempels, que até agora se destaca como fundamental no estudo sobre o ser.

Para Tempels, o ser é a força que dá existência e movimento às coisas. Portanto é o ser supremo do ente. Por ente, Tomás de Aquino entende o recipiente do Ser, ou seja, essência, ente e Ser, para este filósofo, são elementos diferentes, mas que completam-se pois um surge após o outro. As coisas que exibem a existência são precedidas por um elemento supre, cuja transcendência impossibilita o homem esgotar toda abordagem enquanto matéria, mas sendo alguém que participa e partilha a razão, carrega-se de legitimidade para aprofundar conteudisticamente a questão ligada ao Ser por que é exactamente o resumo deste.

O ser que aqui se invocou, está consubstanciado ao primeiro elemento do qual resultou o que se vê a olho nu. Ou seja, a força que cada ente exhibe, assenta no Ser através do qual se projectou as coisas do imanente. Este ser é exactamente o mundo ideal que deu corpo ao mundo material, e Platão na sua magnífica teoria das ideias, chegou ao âmago da situação tendo sido aprofundado por Heidegger, filósofo contemporâneo e existencialista que consagrou o homem como sendo um ser-em-situação ou ser-a-aí que, por força interna procura projectar e transformar o mundo para o seu benefício. Por razão, Tempels nutriu uma grande preocupação aquando dos discursos pejorativos que procuravam tirar da história o africano, que por sinal, partilha as mesmas responsabilidades com o branco se se buscar a essência de cada homem, a razão. Todos por motivo da razão, são resultados do ser e devem origem num ser cuja força deste é que dá sentido à existência da/das coisas.

**CAPÍTULO II: DIAGNÓSTICO DO ESTADO ACTUAL DO CONCEITO  
DO SER NA PERSPECTIVA DE PLACID TEMPELS**

## 2.1. Placid Tempels: Vida e Obra

Placid Tempels (1906-1977) Missionário franciscano belga, actuou na província de Katanga no Congo Belga (actualmente, República Democrática do Congo) entre 1933 e 1962. Ganhou fama a partir dos debates sobre a filosofia africana com a repercussão da publicação da sua obra filosófica intitulada «*Bantoue Philosophie*» ou «Filosofia Bantu» em 1945. Foi exactamente nesta obra, onde a ideia da ontologia aparece, resumida no conceito da Força Vital.

### 2.1.1. O Ser em Tempels (1961)

O ponto de partida de toda a discussão de Tempels sobre o Ser, é a força vital. Para este pensador, a força vital é o resumo do concurso de todas as forças existentes desde os mortos, os vivos, animais, vegetais e outros. O ser é esta força vital e a força vital é este ser em discussão. Ou seja, como se refere Tempels, numa visão geral, o africano é rico de expressões que demonstram o sentido axiológico da sua existência. Ele expressa-se, dando provas inequívocas de que, para si, o valor supremo que comanda o ente é a vida, a força, a existência vigorosa ou a força vital. Assim, o conceito do Ser apresentado por Placid Tempels numadas suas pesquisas viradas às questões para os povos africanos que tanto se via apaixonado, levou-o a um ponto de desejar tornar-se ele mesmo num africano genuíno e só mais tarde retornaria à sua cultura europeia. Foi um missionário bastante interessado no retrato de uma cultura que não fosse sua. E neste interesse, procurou ampliar questões relativas a mitologia bantu, tendo desenvolvido e publicado a sua obra filosófica «*Bantoue Philosophie*» ou «Filosofia Bantu» em 1945. Foi exactamente nesta obra, onde a ideia da ontologia aparece, resumida no conceito da Força Vital. De acordo com (Chingore & Gondim 2021), o trabalho investigativo e sobretudo o de criticar o conceituado pré-logismo filósofo Lévy-Bruhl marca o começo e a primeira tinta nas páginas do pensamento de Tempels, tendo percebido ele que

**“Os negros apresentam um sistema de princípios e que o comportamento bantu deve ser considerado racional como qualquer outro comportamento, motivo pelo qual não se pode rejeitar nem duvidar da existência da humanidade do homem negro. Aqui Tempels expunha o que considerava ser a metafísica da força vital dos Bantu. A força vital seria para os Bantu o único valor fundamental, identificável com a existência. Assim sendo, todo ser é dotado de força vital, ou melhor, é uma participação da força vital e a sua vitalidade é variável. Dai a tese: Sou porque somos;**

**dato que somos todos, também eu sou”, (Chingore & Gondim 2021, p. 67)<sup>5</sup>**

De acordo com estes autores, com isto, Placid Tempels procurou introduzir nas suas abordagens e na história, aspectos fundamentais que norteiam a essência do seu pensamento a respeito do Ser, por sublinhar que “os seres humanos se encontram no centro do tecido vital e a geração presente na terra constitui o centro da humanidade inteira que inclui mortos e os ainda não nascidos”. Tempels é apologista e também proponente acérrimo de que, na sua visão, a natureza por representar a grandeza do ser Supremo, precisa, no sentido recto e lato da palavra “servir para melhorar e eternizar a vida, a cultura, a religião e todas as instituições do saber humano”. Ibidem. Ou seja, para Tempels a vocação de cuidar e favorecer a vida e vencer todo e qualquer risco para a vida, está na própria natureza, cabendo à força vital (o Ser) procurar as chaves das soluções e estas encontram-se em cada ser humano.

Mais do que uma visão dualista da realidade, na sua maioria, filósofos africanos que incluem Placid Tempels, apresentam-se como acérrimos defensores da existência de uma certa hierarquia cósmica que também é indivisível, cuja mesma “compreende Deus, natureza, antepassados, espíritos e homem, anulando-se a hipótese de uma possível bifurcação entre matéria e espírito, sagrado e profano, natural e sobrenatural, comunidade e indivíduo, sujeito e objecto”, como afirma, (Masolo 2017)<sup>6</sup>. Com este pensamento, traz-se à tona um argumento de fundo que sintetiza a visão dos africanos sobre o universo. Porém, Tempels orienta-se sempre para o universo do Ser enquanto força vital, tendo encontrado uma saída que lhe permitiu analisar pormenorizadamente a ideia da pessoa, e afirmar logo a seguir, que o indivíduo não existe e não pode existir se não corporeamente, porque ele deve a sua existência aos demais, e até somente através de outras pessoas ele chega ao conhecimento do seu próprio ser, ou seja, “o indivíduo não tem por si mesmo, nem existência, nem consciência do ser; só pode tê-los no grupo”. (Ibidem, p. 4).

A ideia do Ser em Tempels começa com a concentração do sentido da vida nos/dos Bantu, tendo resumido esta na «Força Vital». Por força vital Tempels entende aquilo que faz o ente ser o que é, e considera esta e a vida bem como o viver forte, como

---

<sup>5</sup>Disponível em: ARGUMENTOS - Revista de Filosofia/UFC. Fortaleza, Acesso aos 26 - Jul. 2021, 14:15 minutos

<sup>6</sup>Disponível em <https://filosofiapop.com.br/texto/a-ontologia>. Acesso aos 29-12-2021, 17:59 minutos

sendo valores supremos do Bantu. Outra coisa importante a sublinhar neste argumento é que em Tempels, a força vital que faz o ente mover-se reforça, assegura a vida e eternaliza a prole. Segundo ele, a mesma força vital tem ainda o papel ou poder de afastar o Bantu do mal ou da diminuição da vida e protege-lo de outras intempéries. Assim, em reconhecimento do potencial africano, Tempels descobre que afinal a grande preocupação da existência do negro é aumentar a sua força vital, pois, para o Bantu em geral, todos os seres do universo possuem uma força vital original que pode ser legitimamente humana, animal e vegetal. Isto, segundo Tempels, constitui a chave do pensamento Bantu, e a ideia da força vital africana, importa afirmar que a sua fonte é Deus". O ser em Tempels é concebido dentro da categoria de forças, porque esta é superior em relação a outras qualidades necessárias dos seres. Para Tempels, o ser move a natureza e este é sua força, por isso, ser é força. Este filósofo ao pensar no conceito de Ser, ele usa o conceito de força para buscar na subjectividade de cada ente o que lhe faz existir e emitir argumentos que visam trazer à tona o que se entende por Ser. Segundo ele, toda a força pode ser fortalecida ou enfraquecida – todos os seres podem tornar-se mais fortes ou mais fracos. Dizer por exemplo a um homem que ele cresce, se desenvolve, adquire conhecimento, exerce a sua inteligência e a sua vontade, refere-se exactamente a todo um processo complexo de aumento. Desta forma, o desenvolvimento opera em qualidades de um homem ou em suas faculdades, mas a ontologia do Bantu, é radicalmente contra tal concepção pois, como terá dito mesmo o próprio (Tempels 2006, p. 27), quando um Bantu diz: "Eu estou me tornando mais forte", ele está a referir-se em algo bem diferente em relação ao que é, tratando-se do aumento de poderes. Dessa forma, o verdadeiro conhecimento para o bantu é aquele ontológico. E por ontologia entende-se o estudo sobre a natureza do Ser. Por isso, Deus é o conhecimento supremo, posto que ele conhece a natureza e a hierarquia de todos os seres. A própria faculdade de conhecer, que é uma força, foi dada por Deus ao homem, permitindo que este conheça enquanto ele mesmo é o conhecedor em última instância. "O verdadeiro conhecimento, a sabedoria humana será, pois, igualmente metafísico; ela será a inteligência das forças, de sua hierarquia, sua coesão, de seu crescimento e de sua interacção" (Tempels 1961, p. 50). Também a sabedoria humana é dependente da sabedoria dos primevos. A sabedoria não é habilidades en-

genhosas, mas o conhecimento ontológico da natureza dos seres. Neste sentido, os jovens dependem dos anciões para saber.

Sobre o ser o Bantu entende que existe uma hierarquia vital cuja pirâmide está estabelecida de modo natural pois, se o criado universo está centrado no homem, a geração actual humana que vive na terra é o centro de toda a humanidade, incluindo o mundo dos mortos. Por isso, na visão do Bantu, os mortos vivem, mas a sua vivência é diminuída de energia vital. Quando o bantu considera a realidade interna do ser, admite que os seus antepassados falecidos bem como os mortos em geral, não perderam o seu reforço e influência superior, mas sim, neste processo de morte e eles adquirem um maior conhecimento da vida e da força vital ou natural (Ibidem, p. 31).

Tempels (2006) acredita ainda que se as leis gerais do universo de forças são organicamente construídas na base do que se pode chamar por hierarquia ontológica, então a interacção de forças é um exercício de influências vitais que ocorre, de facto, de acordo com as leis determinadas. Por isso mesmo, se se levar em consideração esta visão bantu sobre a hierarquia vital, perceber-se-á que o seu universo não é um enredado confuso de forças desordenadas que cegamente vivem lutando uns contra outros. Também não se deve acreditar que essa teoria de forças seja apenas um produto de uma imaginação incoerente e selvagem, ou que a acção da mesma força pode ser agora propícia e agora pernicioso, sem um poder determinante para justificar o facto. A este respeito, (Mudimbe 2013) fez uma sistematização da teoria da Bantu Philosophy de Tempels, e descreveu-a da seguinte maneira:

**“Em primeiro lugar, os Bantu enquanto seres humanos, possuem sistemas organizados de princípios (crenças) e referências (costumes), que constituem a sua filosofia na forma implícita; em seguida, a filosofia Bantu é uma ontologia, e à medida que dedica especial atenção a noção transcendental de ser, sua vitalidade e sua relação com a sua força (força enquanto atributo e elemento necessário e inseparável do ser) permite uma compreensão e interpretação dinâmica da vida e realidade do africano; terceiro, já na ontologia Bantu, o Ser é igual à Força vital (...), (Mudimbe 2013, p. 176).**

Para Mudimbe, esta força vital apresentada por Tempels procura facilitar o processo da hierarquização dos seres existentes no universo, isto é, na ordenação das identidades, diferenças, relações e influências entre minerais, vegetais, animais, humanos, ancestrais e divinos, pois esta força vital é atribuída por Deus e ela pode ser aumentada ou diminuída. Para justificar e fundamentar esta ideia, (Altuna 2014, pp.62-64) oferece-se como sendo uma solução



afirmando que para o bantu “os mundos visível e invisível, embora muito amplos e complexos, estão unidos por relações vitais com intercâmbios permanentes” pois aí a vida encontra-se num sistema hierarquizado. De acordo com este autor, o bantu vê o mundo como algo que não pode estar estático, porque o fenómeno vital vive planificando-o, ou seja, Deus marcou para todos os seres a lei de interacção e interdependência do dinamismo vital como consequência da lei de participação. Altuna alerta para um acto de não descartar isto, pois, entre os seres ou dentro de cada ser existe um outro ser misterioso que permite esta permanente interacção entre o mundo visível e invisível. O negro não é um ser singular que vive a estaticidade, mas sim um ser de força vital dependente da força superior (Deus). Esta é sim uma interacção de ser para ser. Assim, em resume, (Altuna 2014, p. 65), apresenta uma pirâmide vital do bantu<sup>7</sup> da seguinte forma:

## **2.2. Abordagem genérica do conceito do Ser**

Já foi dito neste trabalho que o ser é o gerador do pensamento, por isso é que o pensamento se curva para ele obrigatoriamente. «A força Vital» apresentada por Tempels é uma consequência inevitável desta realidade. E desta feita, se bem se observar cuidadosamente àquilo que trouxe Tempels como novidade na filosofia e em todo um pensamento africano a respeito do ser, pode-se concluir que até a filosofia de Senhgor, liga-se a um universo composto de energia ou de força vital, isto é, de ondas e de ritmos, como sublinha (Ngoenha 2014, p. 67). Quer dizer que, por essência do pensamento africano, no centro do sistema está a existência ou a vida ou exactamente a força vital. A metafísica de Tempels traduz-se numa autêntica ontologia existencial pois, para ele, o ser é que possui a força ou mesmo a própria força que pode subsidiar o pensamento que se espelha como dinamismo do homem.

De acordo com Ngoenha, “existe no mundo uma outra força vital semelhante à do homem, que bem anima todos os objectos de um carácter sensível”. Esta força tem origem em Deus (dador de forças, potência, existência, substância e acréscimo às outras forças) e chega até ao grão de areia pois, em rigor, a força do negro depende de uma rigorosa hierarquia estabelecida na própria pirâmide vital.

Neste pensamento de Tempels, Senhgor, Ngoenha e outros que argumentam a respeito do Ser encontra-se um ponto que constitui a zona de reencontro: o homem como uma posição prestigiosa neste sistema enquanto pessoa, pois é visto como

---

<sup>7</sup>Altuna, A. R. R. (2014). *Cultura Tradicional Bantu*. 2ª Edição. Artipol Tipográfica, Lda. Águeda (Portugal)

único existente activo, capaz de ampliar o próprio ser através de si mesmo e de outras forças que Altuna faz referência na sua pirâmide vital que se achou interessante neste trabalho e constante nas páginas anteriores.

É preciso lembrar ainda, queos diversos aspectos do comportamento bantu permitem hoje ver que a chave do pensamento bantu é a ideia de força vital, cuja fonte é Deus. A força vital é a realidade que, ainda que invisível, é suprema no homem. Este pode renovar a sua força vital extraindo a força de outras criaturas através de processos bastantes misteriosos.

Ora, a alma do bantu anseia por vida e força. A noção fundamental a partir da qual concebe o ser se encontra na categoria das forças.A metafísica enquanto Filosofia Primeira como dizia Aristóteles, estuda exactamente essa realidade existente em todas as coisas e em cada ser do universo. E em virtude de tal realidade, todos os seres têm algo em comum, de maneira que a mesma definição pode ser aplicada a todas as formas de ser como se refere Placid Tempels.

Para se chegar a esta realidade comum a todos os seres, ou melhor idêntica em todos os seres, é necessário eliminar todas as formas de realidade que pertencem unicamente a uma categoria dos seres.Por isso, apela-se a uma prestação de atenção que diz respeito apenas aos elementos mesmo que sejam comuns a todos os seres.

A este respeito, (Lopes 2017)<sup>8</sup> diz que tais elementos são, por exemplo, a origem, o crescimento, as mudanças, a destruição ou a realização dos seres, a causalidade activa e passiva e, em particular a natureza do ser como tal que sustenta esses fenômenos universais. Estes elementos constituem o objeto do conhecimento metafísico, ou seja, do conhecimento que abarca o que é físico ou real. E a metafísica não trata do abstrato ou do irreal; de fato suas noções, suas definições e suas leis são abstratas e gerais, como são sempre as noções, e definições de toda ciência.Ou seja, o pensamento cristão no ocidente, após ter adotado esta terminologia filosófica grega, procurou encontrar caminhos para definir essa tal realidade comum detodos os seres ou então à realidade que é,bem como,o que é.

---

<sup>8</sup>Disponível em [https://www.catarse.me/filosofia\\_pop](https://www.catarse.me/filosofia_pop), Acesso aos 29 - Dez. 2021, 14:19minutos

Sua metafísica tem se baseado em uma concepção fundamentalmente estática do ser. Assim, neste ponto, pode-se ver a diferença fundamental entre o pensamento ocidental e o pensamento negro. A partir daí, a noção metafísica de ser pode ser entendida separando o próprio ser dos seus atributos encontrados em Tempels como: força. Pois, em seu pensamento, a força é um elemento necessário do Ser, e o conceito força é inseparável da definição do Ser, e esta é que faltava na visão do bantu para exprimir toda ideia de ser que bem andou separado da ideia de força. No entanto, sem o elemento força, o ser não pode ser alcançado. Existe um acto universalista que se faz sentir em cada homem. Este, é sim o dinamismo, e este, já aceite por Tempels, Senhgor e outros como base da ontologia bantu. Portanto, o conceito de força está ligado ao de ser até no pensamento mais abstrato que apregoa a noção de ser. E com isso deve-se afirmar que o bantu em relação ao ser, possui um conceito ainda duplo, um conceito que pode ser expresso como se segue: ser é o que tem força, (Lopes 2017, p. 60). Esta afirmação que põe no centro das atenções a filosofia bantu deveria captar tanto quanto possível as individuais características do ser em dinamismo para assim se alcançar e compreender a própria noção de ser do pensamento bantu que faz transparecer a força como sendo a natureza do ser, ou seja, para o bantu a força é ser, o ser é a força. Assim, quando ele pensa no conceito ser, em simultâneo têm o conceito força como algo que nunca e em nenhum momento abandona o ser. Na observação dos seres concretos, o africano vê forças concretas que o permitem afirmar categoricamente que os seres se diferenciam por sua essência, daí a razão de dizer que as “forças” diferem em sua essência ou natureza. Para o africano existe a força divina, forças celestiais ou terrestres, forças humanas, animais, vegetais e, inclusive, forças materiais ou minerais. (Ibidem, pp. 62-63).

Desta abordagem junta-se (Zarader 1990) que procura atribuir até a força a história do Ser. Esta autora refere que não existe uma força histórica que não dependa do ser pois este constitui a fonte do pensamento, e história não é nada mais se não um pensamento reflectido no acto ou na acção que se regista como história dos homens no tempo e no espaço. O ser, quer dizer, para esta, um produtor do pensamento, ou seja, o pensamento é um pontual repórter do ser. Ainda a mesma, ao procurar reforçar os seus argumentos, acrescenta elementos novos que enriquecem a abordagem sobre o ser. Estes elementos denominam-se «Escuta do Ser» e

«Pertença do Ser». O escuta do Ser é o pensamento; é o pensamento que trabalha e edifica a casa do Ser, e essa escuta funda-se exactamente na pertença. Quer dizer que o pensamento enquanto escuta do ser, pertence ao ser; a sua tarefa fundamental é manter-se à escuta permanente dos apelas que lhe são dirigidos pelo Ser. Por isso, o pensamento não faz outro exercício a não ser a respeito do ser que o empossou. Por esta razão mesmo, (Heidegger cit. Zarader, 1990, p. 155) a firma que “o pensamento não pode e nem consegue em modo nenhum produzir o Ser nem mesmo juntar-se a ele por sua própria decisão”. E se não pode, também não tem nenhum resultado e não produz nenhum efeito, sem o apoio do Ser. o Ser é aqui apresentado como um elemento de sublime valor que determina tanto o pensamento como a existência do ente, aliás, todo ente só é o que é na luz desapercibida do Ser e trabalha unicamente para a construção da casa do Ser.

É preciso dizer também neste ítem, que o ser não é uma obra inventada de Heidegger, mas algo que percorre do início dos estudos filosóficos até aos dias de hoje, ou seja, do período antigo ao contemporâneo. Para Heidegger foi um esforço titânico de procurar a compreensão das coisas e uma dessas coisas é o Conceito de Ser que, ainda que de forma inaparente, é preciso clarificar nesta senda, que o conjunto de toda a história dos homens, o pensamento não pode encontrar o seu objecto senão voltando-se para a própria história como disse (Zarader 1990, p. 156). Por isso, pensar o ser é exactamente voltar a origem do ente ou das coisas, é buscar a fonte, o ponto de partida do ente e de todo o seu dinamismo. Até aqui procurou-se justificar a razão para a qual Tempels resume o ser na Força Vital. Pois muitas vezes percebe-se o ser como a estrutura do homem ou o próprio homem, e isto deve-se à falta do aprofundamento do conceito à luz de diversos autores e filósofos que deram o seu máximo para a clarificação do mesmo, puxando do opaco para a luz um aspecto tão importantíssimo no conhecimento de cada um. Ou seja, para se concretizar a ideia de Sócrates “Conheça-te a ti Mesmo” é necessário vasculhar estes argumentos e caminhar em direcção da auto-estima que o africano perdeu por não se achar importante na história das nações.

### **2.3. Descrição e análise do Programa de Ensino da Filosofia do II Ciclo**

De forma resumida, o programa de Filosofia, tanto da 11<sup>a</sup> quanto da 12<sup>a</sup> classes, no cômputo geral em termos de objectivos procura proporcionar meios adequados ao

desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e estética, contribuindo para a compreensão da riqueza da diversidade cultural e da Arte como meio de realização pessoal, como expressão da identidade cultural dos povos e como reveladora do sentido da existência, permitindo igualmente a aquisição de mediações conducentes a uma tomada de posição e consciência sobre o sentido da existência, contribuindo para a compreensão da articulação constitutiva entre o ser humano e o mundo e da sua dinâmica temporal, assumindo a responsabilidade ecológica como valor e exigência incontornável. Assim, para se ser mais objectivo no que se quer abordar a respeito do programa de Filosofia do ensino médio ou 12<sup>a</sup> classe e especificamente sobre aspectos ligados à Filosofia Africana, pensou-se que para uma boa descrição do mesmo e considerando o subtema a inserir sobre “o Ser” na perspectiva de Placid Tempels como proposta, dos temas constantes, tem-se no actual programa:

**CAPÍTULO III: ABORDAGEM SISTÉMICA DO CONFRONTO ENTRE  
O ESTADO ACTUAL E O IDEAL DO CONCEITO DO SER**

### **Capítulo III: Abordagem sistémica do confronto entre o Estado actual e o Ideal do Conceito do Ser**

As várias questões levantadas no âmbito da Filosofia interessam a toda a humanidade e merecem um tratamento e aprofundamento para que a pessoa africana encontre nela mesma o centro gravitacional que o faz existir. O africano tem esta necessidade imperiosa de encontrar e garantir um fundamento para aquilo que ela é, decifrando aquilo em que acredita e os valores que abraça e para os quais vive. A ideia de “Força Vital” introduzida por Tempels constitui a base fundamental de toda uma reflexão voltada para o Ser de cada ser como factor sine qua non para a auto-estima. Ou seja em tudo, o que se quer buscar é o valor do africano para a conquista da sua autoridade enquanto pensante como qualquer povo ou raça. Estudar e aprofundar o conceito do ser, é procurar encontrar aquilo que é comum a todos e encetar uma viragem de página, removendo os mitos lançados pelo ocidente que visam denegrir a figura do africano como um sujeito sem valor.

Assim, no quadro das abordagens sobre o ser, Tempels com a sua obra “*A Filosofia Bantu*”, revolucionou a Filosofia Africana, porém, este facto é pouco conhecido entre os meandros académicos, principalmente do Ensino Médio, sendo este o resultado da falta de abordagens específicas sobre o tema e da ausência do mesmo nas unidades temáticas dos programas de ensino da Filosofia do II Ciclo.

O objectivo fundamental neste capítulo é que em virtude do quadro real descrito se implemente de uma forma imperiosa o conceito do Ser à luz de Placid Tempels pois este deu um valioso contributo para a inversão do quadro que actualmente não vê o africano como figura de proa, massificando-o através do programa de Ensino de Filosofia no II Ciclo, de modo a ser mais conhecido entre os meandros académicos e, quiçá, enriquecer o acervo bibliográfico já existente sobre a Filosofia Africana e não só, acima de tudo, no tocante aos aspectos sobre o ser pois, este subsistema de ensino, apresenta-se já com uma certa maturidade de reflectir as coisas, tanto do mundo material quando do mundo ideal. Ou seja, o processo de investigação e discussão dos conteúdos sobre as verdades de um ser, a importância de um ser, o contributo de cada ser, a posição de um ser e sobretudo as formas de pensar e produzir artefactos valiosos à humanidade, encontram um certo impacto positivo nele, permitindo a conquista da autoridade que se perdeu no contexto das nações pois

existem, evidentemente, inúmeros registos sobre o tema em destaque, pois os referentes teóricos assim o justificam, porém, assumiu-se com determinação o interesse pela abordagem do mesmo (tema) porque os resultados da investigação a ser levada a cabo, além de constituírem-se em mais um acervo bibliográfico, também será o fundamento para derivar sugestões em relação aos programas de Ensino da Filosofia no II Ciclo.

### **3.1. O problema do conhecimento sobre o Ser**

Ser e conhecer são duas coisas opostas, porém, completam-se. Aqui não se quer tratar do conhecimento e do ser, mas antes do conhecimento sobre o ser. E nisto, a começar, é importante sublinhar, que o ser no dizer dos empiristas (materialistas) e racionalistas (idealistas) constitui a origem do conhecimento, e entre as duas correntes o debate surge nas diferentes formas, meios ou métodos de conhecer. Em todo caso, o que chama atenção e que merece destaque neste trabalho, é exactamente a confluência das duas correntes quanto ao objecto do conhecimento, o ser. Depois de muitos debates à volta deste conceito, viu-se uma distribuição do conhecimento pelos vários cursos sociais, práticos e técnicos. E daí, surgiu a questão: que coisa se pretende conhecer?

Esta corresponde exactamente ao problema levantado neste trabalho pois cada homem enquanto pessoa, de acordo com Sócrates, precisa “conhecer-se a si mesmo”. Ora, se o conhecer tem a ver com a compreensão e com o processo racional na sua relação com as coisas, pode dizer-se que a grande tarefa da razão é buscar a organização através da verdade científica e filosófica explicando com argumentos e demonstrações o concreto dos fenómenos, o que desemboca no termo “filosofar”. O africano precisa filosofar sobre si mesmo e sobre os outros para conhecer as diferenças que os caracterizam e apurar ao mesmo tempo elementos que os relacionam.

É extremamente importante sublinhar, que o sujeito, mesmo que tenha esta faceta pensante, por si só não produz conhecimento, é irrefutável pelo simples facto de que quando se pensa, pensa-se em algo, através e a fim de algo, o ser. Assim, se o pensamento percebe o ser, é também através dele que se pensa. Ou seja, como relata Tempels, o pensamento é o resultado do ser, é a própria coisa que faz pensar nas coisas existentes. Para (Lando Lau, 2005, pp. 106-107) “o ser revela-se quanto



a razão compreende que as coisas possuem movimentos”. Outrossim, se o ser se entrega, se revela ao sujeito pensante, para além da auto - penetração do pensamento sobre as coisas, claro que está aí a ideia de movimento das coisas que Tempels enxerga no ser, tendo sido levado a considerar o ser como sendo a origem do movimento, “a força vital”.

A coisa obscura em África é a percepção da existência de uma potência que torna dinâmica a sua rotina, está-se diante do ser escondido à razão e, por isso, existe um espírito de auto - banalização que legitima os mitos lançados pelo ocidente. A razão do africano, percebe-se de uma vez para sempre, que possui condições suficientes para encontrar e perceber o ser que faz existir as coisa, basta o aprofundamento do pensamento tempelsiano, pois, na compreensão do ser à razão e da razão ao ser, neste processo dialéctico, surge o verdadeiro conhecimento sobre o ser.

Para os alunos do II Ciclo e talvez para a África em geral, o ser encontra-se escondido e precisa ser compreendido para que o africano consiga encontrar aquele aspecto comum em todos os homens que habitam o planeta terra.

Conhecer o ser africano é uma necessidade conducente à busca da compreensão do africano, isto é, desde as suas capacidades de explicar e de prever os fenómenos. É emergir das profundidades onde o ocidente colocou a África e tornar visível as suas potencialidades. É mostrar ao mundo o valor da África e do africano, mas isto pode e poderá acontecer com o aprofundamento do conceito de ser à luz de Placid Tempels porque ele revela-se diferente de outros pensadores por trazer à tona a ideia de “Força Vital” que existe em qualquer sujeito pensante.

### **3.2. O Caminho para a remoção das Diferenças entre o Africano e o Ocidental**

A base da desvalorização do africano pelo ocidente está na presença da escrita e na produção de literatura e outros meios que no dia-a-dia servem o africano sem uma mínima capacidade de produzir algo que o ocidente também possa consumir ou utilizar como marca ou obra originária de África. Até as independências dos países africanos, diz-se que o número de quadros formados não passava de um dígito. Isto meteu a África na condição de vulnerabilidade pois nada tinha escrito como meio de inversão das acusações ou mitos levantados, ponto em causa o processo da história

e da sua Filosofia. Ou seja, para alguns historiadores apologistas da libertação do africano a história de África é o que é graças ao esforço exclusivo dos africanos sem a concorrência de nenhum factor positivo ou negativo externo. Esta linha de abordagem histórica é absolutamente inaceitável porque apresenta os africanos como comunidades hermenêuticamente fechadas incapaz de absorver e aproveitar os aspectos positivos das experiências e realizações dos outros povos. Em suma, pode-se dizer que é também uma corrente racista e marcadamente ideológica como a Eurocentrista.

Assim, a partir do momento em que se deu conta disso, a necessidade chamou os africanos para a abordagem e apresentação das obras dos africanos. Logo, a existência da literatura resultante do pensar, do fazer do próprio africano constitui um meio para a remoção dessas barreiras. O africano precisa tomar a palavra, a caneta e lugar de materializar o seu pensamento, pondo o ocidente na condição de consumidor dos seus resultados. Ou seja, se os bantu são capazes de formular um tratado filosófico completo com um vocabulário adequado para o desenvolvimento e autonomia do seu pensamento, é trabalho do próprio africano proceder o tal desenvolvimento sistemático. Se o que se quer é constituir um figurino africano, é preciso que seja o próprio africano a mostrar o caminho do valor, pondo o mundo nos carris do entendimento que a África não é um gigante adormecido.

Em tudo isso, o que se quer evitar é exactamente a ideia de que o africano continue a ser objecto de estudo do ocidente. Por isso, achar que o africano seja o próprio sujeito na produção da sua história, é a condição *sine qua non* para a remoção dessas negativas barreiras impostas pela e através da hegemonia racial do branco. A escola tem um papel preponderante na construção da personalidade do africano pois o acto de pensar com a própria cabeça e muitas vezes andar com os seus próprios pés é e devia ser o lema da escola africana. É preciso buscar as próprias raízes. É a hora de buscar a essência das coisas, discutir e definir o como pode ser o futuro do africano.

Ora, durante muito tempo, pensou-se que a África não tinha História, porque muitas dúvidas se levantaram devido à carência de quadros que pudessem contrapor estas acusações que retiram dignidade à figura do africano. Hegel, um dos destacados acusadores, diz que “a África não é uma parte da história do mundo, pois ela não

tem progresso, nem movimentos históricos próprios dela”<sup>9</sup>. Para este pensador, é apenas a parte setentrional da África que pertence ao mundo asiático ou europeu, ou seja, aquilo, que se entende por África é principalmente o espírito do não desenvolvimento das condições morais, e não teve nada a apresentar no início da história da humanidade, a não ser a sua participação como objecto. Ou seja, a África não tem história nem tem filosofia pois, em África não existem pensadores. Eles baseiam-se em provérbios e mitos, e isto não tem qualquer significado para a história da humanidade por essa razão não merece ser destacado como um contributo valioso para a ciência.

Por seu turno, Eugène Pittard, pensa que “com a excepção do Egipto e da África do norte, o resto do continente nada fez de digno como desempenho histórico”. Ibidem. Ora, esta narração feita por Hegel e Pittard de que a África negra nunca participou nas páginas da história universal viu-se que é sustentada por todos aqueles que defenderam a exploração dos recursos naturais e humanos do continente africano durante o mercantilismo ocidental ou colonial. E é pena, porque nesta altura não surgiu nenhum africano que saísse em defesa do africano, ou seja, tudo foi feito e dito pela raça branca sem o contraditório. Tais argumentos, são apresentados por correntes puramente racistas que defende a superioridade da raça branca sobre a raça negra, sustentando que os africanos não tinham história antes de estabelecerem contactos com os asiáticos e europeus. É discurso contudente que constituiu barreiras até hoje existente para a defesa desta concepção de que as sociedades sem escrita não têm história e, por isso, não contribuíram para o desenvolvimento da humanidade pois defende-se dessa forma que as sociedades africanas antes da penetração europeia estavam sem movimentos e eram ignorantes sem peso relevante no contexto das nações.

A cultura que o africano ganhou de sempre valer-se da cultura do ocidente o torna submisso a ele, pelo menos não tem havido escapatória para a exibição daquilo que o caracteriza. Trata-se da perda do ser e da essência do africano. Nisto, a solução está na auto-afirmação, proclamando uma certa independência nas formas de estar, viver e conviver pois a validade de um povo reside nas formas constantes de

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://escola.mmo.co.mz/historia/historiografia-africana/#ixzz7p2896o6tp>. acesso aos 30-03-2022, às 17:43 minutos

exibição dos seus valores morais e culturais. Desta, é importante dizer, que o princípio dado pelas correntes filosóficas africanas, nomeadamente o pan-africanismo ligado ao nacionalismo africano é uma daquelas bases que o africano precisa fundamentar para a inversão desse quadro que se caracteriza como um não benéfico ao próprio africano. Outrossim, todas as contribuições dadas a respeito do valor do africano precisam ser levadas a cabo pela escola, para que surjam homens interessados na busca da essência do pensamento africano e encontrar substractos sobre os quais assentam as políticas ocidentais. É preciso a África procurar modelos científicos caracterizados fundamentalmente pelo estudo profundo do ser africano e que procuram também valorizar de modo excessivo e exclusivo os povos africanos, adquirindo coragem de dizer categoricamente que as transformações que marcaram as diversas fases de evolução dos povos africanos não vieram tanto das conquistas dos outros povos, mas sim dependeram das próprias circunstâncias. É preciso que o africano fale alguma coisa sobre si mesmo, procurando inverter este quadro que não se revela favorável a si e, para isso, sublinha-se que as bases foram lançadas por diversos pensadores, correntes revolucionárias e outras organizações de carácter humanista que vêem no africano uma capacidade significativa de interpretar e formular questões de natureza científica e filosóficas. Nesta sequência surge igualmente Placid Tempels com uma distintiva abordagem ligada ao Ser do africano, estabelecendo semelhanças com o ser do branco.

Os africanos passam por dificuldades de incetar um novo caminho. Por isso, existe poucos textos escritos que poriam o africano na posição de busca incessante da sua essência que se funda no ser. Desta forma, a maior parte dos historiadores é unânime em afirmar que para se remover as barreiras existentes entre a África e o ocidente o africano precisa valorizar as fontes disponíveis ou obras começadas, isto é, as tradições orais, arqueológicas e as escritas existentes embora poucas. Aliás, é preciso dar continuidade ao que já foi começado para conseqüentemente se resgatar as origens dos africanos e transmitir-las as novas gerações. É preciso também tecer críticas às fontes para apurar a veracidade dos factos a fim de mostrar aos europeus o valor e a contribuição dos africanos no contexto das nações. Pois, na verdade, a filosofia bantu ainda não foi estudada e desenvolvida como tal. Por isso, é chegada a hora de cada estudioso começar a procurar e definir o pensamento que fundamenta o Ser africano, pois esta constitui a única e melhor

chave que permite o pensamento nactivo ser penetrante e penetrado. Não se pode admitir que se aguarde pelo ocidente dizer algo sobre a África. As escolas e instituições vocacionadas a fazer ciência precisa incutir nos africanos, especialmente os jovens, obras de valor capazes de dar exposições sistemáticas da essência e de todo o sistema ontológico africano. À luz dos filósofos antecedentes, não é arriscado dizer que já existe esta ontologia pois tem-se escritos incipientes desta, informando sobre todo o pensamento e importância da figura do africano. São esses escritos que constituem o marco ou ponto de partida ou bússola que orienta todas as investigações orientadas para o estudo da cultura bantu.

É sim tarefa da escola e de estudantes ou investigadores traçar os elementos deste pensamento, visando acima de tudo classificá-los e sistematizá-los de acordo com os sistemas ordenados da ciência e da Filosofia. Só isto e somente isto pode contribuir para a remoção das barreiras até aqui existentes.

### **3.3. Reconhecimento à “Corrente Progressista”<sup>10</sup>**

De acordo com os defensores desta corrente a respeito da história universal, tudo pode ser história, ou seja, mesmo o povo que não possui escrita ou escritos, têm história pois ela, a história, é o conjunto de acções praticadas pelos homens no passado. Tal, é uma corrente que reconhece o valor das fontes escritas, mas que recusa o argumento que diz que a história só é feita apenas de documentos escritos. Portanto, através da investigação com métodos científicos, esta chegou de apresentar o passado africano como tendo sido dinâmico. E no que tange a relação periódica em que os africanos estabeleceram contactos incipientes com os asiáticos e depois com os europeus, esta corrente progressista admite existe um conjunto apresentado de provas com valores irrefutáveis que indicam que os africanos entraram em interacção com estes como elementos activos, influenciando grandemente a sua própria história.

Para estes, onde existe o homem, existe mudança, dinâmica, progresso, logo existe história. Assim, todos os vestígios humanos deixados pelos antepassados desde os

---

<sup>10</sup>Disponível em: <https://escola.mmo.co.mz/historia/historiografia-africana/#ixzz7P29DBKUYtp>. Acesso aos 31-03-2022, às 14:41 minutos

restos de comida, fósseis, contos, desenhos são de tomar em conta na feitura da história. Contrariamente da corrente eurocentrista e da afrocentrista, a corrente progressista não espelha complexos de superioridade, nem de inferioridade, mas sim, reivindica uma investigação séria sem discriminação. Por isso, tanto a Europa, como a África, contribuíram para a reconstituição da história universal.

A história de África é ainda hoje um mistério devido as imensas dificuldades que caracterizam o trabalho de quem pretenda debruçar-se sobre a historiografia africana. Porém, a ausência das fontes escritas, constitui o grande problema com que depara o Historiador africano. Por isso, o papel do historiador africano vai ser de acreditar na validade das fontes africanas. Para este, as tradições orais são credíveis para reconstituir a história do povo africano. O historiador africano, tem de procurar valorizar o passado africano, afirmando a identidade dos povos africanos mediante a junção de elementos dispersos nos vários tipos de fontes. Procura desmantelar mitos e concepções eurocentristas mostrando as contribuições do povo africano para o movimento da História Universal. Ainda procura resgatar as origens do passado africano tentando transmitir as novas gerações sobre o seu verdadeiro lugar e passado da história de África mostrando que a história é feita a partir de todas as fontes disponíveis.

## **Conclusões**

Após uma análise profunda sobre “o Conceito do Ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels” e à luz de confrontos com as vários textos programáticos a este respeito, chegou-se as seguintes conclusões:

- 1- Não existe no programa do II Ciclo uma unidade temática que trate sobre o ser e sobre o ser na perspectiva de Tempels. Por isso, existe um fraco domínio deste conceito;
- 2- O tempo estabelecido para a abordagem das questões ligadas à Filosofia Africana não é suficiente; não permite o professor penetrar no âmago das coisas e levar o aluno a uma reflexão profunda sobre si mesmo enquanto africano;
- 3- Olhando pelo programa do II Ciclo, oitenta por cento dos conteúdos da Filosofia, diz respeito ao ocidente, andando à reboque todas as abordagens ligadas à Cultura e Filosofia Africana;
- 4- Existe esta necessidade de remover as barreiras erguidas pelo ocidente, porém não se ensina aos alunos as metodologias de como proceder pois, existe uma limitação do processo de investigação;
- 5- O estudo do conceito do Ser que devia anteceder toda a discussão da Cultura e Filosofia Africana, não tem merecido esta especial atenção.

## **Sugestões**

À luz das conclusões chegadas e antes apresentas sobre “o Conceito do Ser na perspectiva filosófica de Placid Tempels” teceram-se as seguintes sugestões:

- 1- Que se introduza no programa do II Ciclo uma unidade temática que trate sobre o ser na perspectiva de Tempels, para um forte domínio deste conceito da parte dos alunos e professores;
- 2- Que se dê um tempo suficiente para a abordagem das questões ligadas à Cultura e Filosofia Africana, permitindo o professor penetrar no âmago das coisas e levar o aluno a uma reflexão e compreensão profundas sobre o ser, sobre si mesmo, enquanto africano;
- 3- Que abordagem sobre a Cultura e Filosofia Africana constitua oitenta por cento dos conteúdos programáticos da disciplina de Filosofia para a concretização do ideal e da necessidade de remoção das barreiras erguidas pelo ocidente, ensinando aos alunos as metodologias de como proceder sem uma limitação no/do processo de investigação. Ou mesmo, se implemente a cadeira de Cultura e Filosofia Africana no II Ciclo, tornando-a independente da Filosofia geral.
- 4- Que o estudo sobre o Ser seja percebido como essência de toda a Filosofia Africana, merecendo especial atenção.



## **BIBLIOGRAFIA**

## Bibliografia Geral

- 1- Altuna, A. R. R. (2014). *Cultura Tradicional Bantu*. (2ª Ed.). Artipol. Tipográfica, Lda. Águeda (Portugal)
- 2- Alves, M.P. (2012). *Metodologia Científica*. Lisboa: Escolar.
- 3- Demo, P. (1981). *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo:Atlas.
- 4- Dias, J. R. B. (2010). *O ser no Sofista de Platão*. Kalagatos, revista de Filosofia. Fortaleza. V. 7 n. 14.
- 5- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6ª Ed.). São Paulo: Atlas.
- 6- Lakatos, E. M & Marconi, M. A. (2013). *Sociologia Geral*. (7ª Ed.) São Paulo: Atlas.
- 7- Lau, R. L. (2005). *O Rosto da Filosofia: Introdução à Filosofia 11ª Classe*. Luanda: Texto Editores.
- 8- Machado, R. (2007). *Foucault: a ciência e o saber*. RJ: Zahar.
- 9- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo-Brasil: Atlas.
- 10-Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2008). *Técnicas de Pesquisa*. (7ª Ed.). São Paulo: Atlas.
- 11-Mondin, B. (1980). *Introdução à Filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. Tradução de J. Renard. São Paulo: Paulus.
- 12 Ngoenha, E. S. (2014). *Das independências às Liberdades*. S. Paulo Moçambique. Paulinas. Fevereiro.
- 13 Ramos, S. T. C. & Naranjo, E. S. (2014). *Metodologia de Investigação Científica*. Luanda-Angola: Escolar Editora.
- 14 Santos, J. T. (2012). *Platão: a construção do conhecimento*. São Paulo: Paulus.
- 15 Silva, E. L. & Meneses, E. M. (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Dissertação*. (4ªEd.). Florianópolis.
- 16 Tempels, R.P.P. (1961). *La philosophie bantoue*. Paris: Présence africaine.
- 17 William, B. (2000). *Platão*. São Paulo: Unesp.

## Sites Consultados

- 1- <https://ARGUMENTOS - Revista de Filosofia/UFC. Fortaleza>, Acesso aos 26 - Jul. 2021, 14:15minutos
- 2- <https://filosofiapop.com.br/texto/a-ontologia>. Acesso aos 29-12-2021,17:59 minutos
- 3- <https://filosofiapop.com.br/texto/a-ontologia>. Acesso aos 29-12-2021,17h59 minutos
- 4- <https://escola.mmo.co.mz/historia/historiografia-africana/#ixzz7P29DBKUYtp>. Acesso aos 31-03-2022, às 14:41 minutos
- 5- <https://escola.mmo.co.mz/historia/historiografia-africana/#ixzz7p2896o6tp>. acesso aos 30-03-2022, às 17:43 minutos
- 6- [https://www.catarse.me/filosofia\\_pop](https://www.catarse.me/filosofia_pop), Acesso aos 29 - Dez. 2021, 14:19minutos